

Direto da Luta

Sérgio “Papagaio”: Um garimpeiro tradicional contra o mar de lama

Depoimento colhido por

Ingrid Vitória de Souza Oliveira
Thiago Roniere Rebouças Tavares

378



Foto 1 – Sérgio “Papagaio”: um garimpeiro tradicional morador do município de Barra Longa/MG, localizado a 60 quilômetros de Mariana, onde ocorreu o rompimento da Barragem de minérios das empresas Samarco/Vale/BHP (também conhecida como Barragem de Fundão), no dia 5 de novembro de 2015. Prestes a completar uma década da tragédia, Papagaio, como prefere ser chamado, permanece na luta pela reparação das perdas ocorridas em sua cidade. (Fotografia: Ingrid Vitória de Souza Oliveira, 16/06/2024.)

“Direto da Luta” é uma seção de **AMBIENTES** criada para ajudar a “dar voz” a pessoas envolvidas com lutas populares e iniciativas coletivas em prol da justiça ambiental e, mais amplamente, da defesa de valores e práticas socioecologicamente emancipatórios. São depoimentos breves, que contam um pouco da trajetória, do trabalho realizado e das perspectivas de atuação da pessoa e de seu movimento/organização.

Os que não tiveram morte física, tiveram morte psicológica. Eu acredito que a pior de todas as mortes é essa que a gente carrega no peito enquanto vive.

Toda a nossa região começou com a mineração de ouro. Esse povo tinha as suas especificações, suas formas de vida, plantadas em um distrito rural. E de repente há o rompimento da barragem,¹ as pessoas morrem. Pela legislação brasileira era preciso que tivesse uma sirene, que essa sirene tocasse. A barragem estava a 40 minutos de *Bento Rodrigues*, e 40 minutos dá um bom tempo de fuga. E a sirene não tocou. Por isso o nosso jornal se chama *A Sirene*². Qual sirene? A que não tocou no dia do rompimento.

Nossa primeira reportagem do jornal foi “Quem foi a sua sirene?”. Nós fizemos isso com o pessoal de *Bento*, cada um responde uma coisa. O que mais me tocou foi um senhor de 70 anos que disse que a sirene dele foi deus. Quando ele olhou e viu a lama, ele pegou a irmã dele que estava acamada, pegou no colo e saiu correndo com ela nos braços. Eu não aguento correr morro acima, você imagina um homem de 70 anos correndo com a irmã no braço. Isso é coisa de gente de roça, coisa de lavrador, gente que trabalha pesado e que tá ali o tempo todo fazendo exercício. E esse exercício o salvou.

Toda essa forma de vida desse pessoal foi modificada, e foi modificada

¹ A barragem localizada no subdistrito de Bento Rodrigues, a 35 km do município de Mariana (MG), rompeu no dia 5 de novembro de 2015. Também conhecida como barragem de “Fundão”, estava sob direção da Samarco Mineração S.A., uma *joint venture* controlada pelas empresas Vale S.A. e BHP Billiton. A destruição causada pelo rompimento da barragem alcançou 41 cidades entre os estados de Minas Gerais e Espírito Santo, que tiveram rios, terrenos, animais,

entre outros, impactados por mais de 50 milhões de m³ de rejeitos advindos do processo minerário. (Nota dos entrevistadores.)

² O Jornal A SIRENE surgiu após o rompimento da barragem de Fundão. Possui como missão denunciar e reforçar a luta dos afetados pela tragédia. Sérgio “Papagaio” é um dos editores-chefes do jornal. Para mais, acessar: @jornalasirene (Nota dos entrevistadores.)

abruptamente. Quando nós voltamos no rio, o rio estava muito diferente, e não foi aquela mudança natural das águas que passam. Aqui ele subiu 8 metros acima do nível, pegou toda a parte baixa da cidade. Isso aqui ficou com lama pra mais de dois metros, depois que a água abai-xou. Isso aconteceu em toda a extensão do rio, até o Rio Doce. Lá o Rio Piranga encontra com o Rio Carmo e formam o doce, nenhum é afluente de nenhum. Juntaram os dois rios e deram o nome de Doce, porque um dia Dom Pedro primeiro passou por lá e bebeu a água. Estava vindo de regiões onde a água era salobra, e disse “a água é doce”. Do Rio Doce para baixo, o rio não saiu da calha, mas para cima ele saiu e saiu muito.

Paracatu era um povoado lindo, eu costumava dizer que lá era redondinho. Eu sou funcionário público da prefeitura de Barra Longa. Na época, antes do rompimento, eu me aventurava aos finais de semana como vendedor ambulante... porque salário de prefeitura não dá nem para morrer. Se você tentar morrer com salário de prefeitura você não consegue, você morre devendo. Eu trabalhava

como ambulante e eu vendia alimento. O carro-chefe meu a era a carne, que eu também sou açougueiro. Numa cidade igual Barra Longa você tem que ter cinco profissões para suprir as suas 25 necessidades.

Eu tinha uma convivência muito grande com o povo de Paracatu, de almoçar na casa, tomar café, vender fiado... A gente anotava o nome no caderninho. Passava no outro mês, recebia e vendia de novo. você vai construindo com isso uma relação de amizade, e foi isso que eu construí.



Foto 2 – Escola de ensino fundamental em Paracatu de Baixo, distrito localizado a 35 quilômetros de Mariana/MG. Passados nove anos do rompimento da barragem, a lama de rejeitos que atingiu as casas, os pastos, a igreja, a escola, entre outros espaços produtivos e de convivência da comunidade rural, permanecem inalterados, com a lama e suas marcas, esculpindo as ruínas que a destruição causou. (Fotografia: Ingrid Vitória de Souza Oliveira, 16/06/2024).

A gente não sabia a proporção da coisa. Eu lembro que o rio começou a sujar, a fazer um barulho. Falaram que tinha um cheiro insuportável. Eu não senti esse cheiro. Eu fiquei tão...eu não sei falar, eu acho que eu fiquei meio louco, quando eu vi a proporção da coisa. E a lama foi chegando, nós fomos afastando. Eu peguei a chave da escolinha, como eu tinha a chave eu abri, tirei toda a documentação e botei no meu carro. E a lama entrou ali e destruiu a escolinha toda. Por sorte eu consegui salvar a documentação, para abrir a escolinha de novo foi mais fácil. As coisas foram acontecendo naquele momento de uma forma que é difícil até de contar... como que a gente ia imaginar que existia algo dessa proporção na cabeceira desse rio? A gente não tem a menor relação com a mineração. A gente sabia que existia uma Samarco, uma Vale..., mas a gente não sabia a proporção.

E o governo estadual e o federal são corresponsáveis pelo rompimento da barragem, porque os órgãos reguladores, os órgãos fiscalizadores não fizeram o papel adequado no que diz res-

peito a fiscalização da barragem, porque senão ela não teria rompido.



Foto 3 – Casas em Paracatu de Baixo. (Fotografia: Thiago Roniere Rebouças Tavares, 28/07/2023).

São 788 barragens que existem no estado de Minas Gerais. Todas correm risco de romper, porque todas foram feitas da mesma forma, mais ou menos na mesma data. Existe um período de saturação, uma validade, e eu acredito que as barragens já estão saturadas. Assim como rompeu Fundão, rompeu Brumadinho. Só que antes já tinham rompido sete barragens no estado. A barragem de Herculano, que rompeu em 2013, matou cinco pessoas. A barragem da Alegria também rompeu, matou três pessoas, e

na época um dos tratoristas que morreu foi culpado da própria morte, porque ele não era para estar lá. Culpado da própria morte! Quase que prenderam o defunto.

Nós fizemos uma reportagem com o Mauro, de Bento Rodrigues, que chama “Eu, a Samarco e o fim da alegria”. Mauro morava com o pai na alegria, perto dessa barragem. A barragem rompeu e destruiu a casa deles. Eles compraram uma casa em Bento Rodrigues. Outra barragem da mesma empresa rompeu e destruiu a casa deles.

Bento Rodrigues era uma comunidade muito interessante, ela tinha uma forma de cultura muito específica, com banda de música, eles tinham banda de congo, faziam doce, faziam geleia de pimenta biquinho...tinha muita coisa que era deles. Tudo isso se perdeu, veio tudo se perdendo ao longo da bacia.

E a barragem de Fundão estava localizada na cidade de Mariana, na cabeceira do Rio Gualacho. Depois do rompimento, ela desceu pelo córrego Santa-rém, atingiu o rio Gualacho, depois chegou no rio Carmo. Do Carmo foi para o doce, e atingiu toda a bacia hidrográfica

do Rio doce. E a barragem de Fundão ela é um crome, que nos pegou todos de surpresa, trazendo para nossa cidade uma tristeza muito grande, e para todo o Vale do Rio Doce... eu costumo dizer que a vertente dessa barragem ela está aberta, vertendo crimes todos os dias. Dentre os crimes o que mais me choca é essa morte, que a barragem de Fundão trouxe para viver entre nós. E depois do rompimento da barragem de Fundão, a morte tem sido um parente, uma pessoa que vive cotidianamente coma gente.

E, também, a barragem de Fundão trouxe a fome para viver entre as pessoas e a fome é servida justamente na hora do almoço como prato principal das refeições de muitas famílias que perderam sua renda, perderam suas formas de vida, e que estão lutando desesperadamente para sobreviver contra esse monstro invisível que se materializa todos os dias de formas diferentes, mas de forma que atinge, que dói, que machuca, e que causa uma dor que parece que não vai ter fim.

Todos os dias a gente luta contra esse monstro, e a barragem de Fundão, o

monstro em questão, ele dorme todas as noites, para acordar no outro dia para nos atingir de outras formas diferente das que vem nos atingindo há mais de 8 anos.

Eu sou hoje, dentre outras coisas, coordenador do grupo dos garimpeiros tradicionais do alto do Rio Doce, e quando se fala em garimpeiro as pessoas tendem a torcem o nariz. Porque quando se liga a televisão, você vê que “garimpeiros invadiram terra indígena Yanomami”, “fizeram isso e aquilo”. Garimpeiros não! Aquele povo que invadiu as terras Yanomami são assassinos, são empresários, que moram na Avenida Paulista, no Leblon, na Afonso Pena em Belo Horizonte... e que comandam um grupo de pobres coitados, muitos deles de origem Yanomami, que trabalham em situação análoga à escravidão. Ou trabalham como escravos mesmo, que eu não gosto dessa palavra, “análogo”, porque ela veio para suavizar o que se chama de escravidão e que não foi abolida até hoje no

Brasil. Porque se é escravo quando chega no final do mês e não consegue pagar sua conta de luz. Se é escravo quando falta comida e remédio dentro de casa, quando você não consegue pagar a faculdade do seu filho. Isso é ser escravo.



Foto 4 – Faixa em uma das casas atingidas pelo rompimento da barragem em Barra Longa/MG, que se encontra interditada pela ameaça de desmoronamento. Aparece na faixa uma denúncia que diz respeito aos sete anos de espera pela reparação pelos efeitos da tragédia. (Fotografia: Thiago Roniere Rebouças Tavares, 29/07/2023.)